

CONSTRUÇÃO SUBJETIVA DE BICHA(S) PRETA(S): MARCAS DE VIOLÊNCIA E RESISTÊNCIA ESCRITAS NO YOUTUBE

Pedro Augusto Pereira

Mestrando em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação e Artes e graduado em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, pedroaecp@gmail.com;

Tamires Ferreira Coêlho

Professora orientadora. Doutora em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais, Professora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da FCA, UFMT, tamiresfcoelho@gmail.com.

Resumo

Este texto analisa as experiências de elaboração de si de Murilo Araújo e Samuel Gomes em seus canais no YouTube, “Muro Pequeno” e “Guardei no Armário” respectivamente, com foco nas narrativas referentes às marcas da violência e de resistência às opressões. Utilizamos uma perspectiva teórico-metodológica orientada pela “escrita de si” de Margareth Rago (2013), tensionada e ampliada pelo pensamento de Grada Kilomba (2019) em uma articulação interseccional. A partir da reflexão sobre os lugares de fala (RIBEIRO, 2017) de Murilo e Samuel como bichas pretas, um lugar social marcado por múltiplas opressões, entre o objeto e o abjeto (COSTA, 2017), compreendemos que os dois youtubers, embora elaborem principalmente sobre si, o fazem de uma forma também coletiva. Eles não buscam representar os outros, ou falar pelos outros, mas sua luta por voz toca muitos que guardam, em suas trajetórias, questões semelhantes, esperando para serem faladas. Ter direito à voz é ter direito à existência. As narrativas desses sujeitos se constituem em falar apesar de tudo, em uma atitude de enfrentamento e

rompimento com fluxos silenciadores heteropatriarcais brancos marcada por um compromisso de parrésia (RAGO, 2013), possibilitando novos modos de (re)existência dos corpos bichas, negros e reivindicando outras possibilidades de masculinidade.

Palavras-chave: Escrita de si, bichas pretas, masculinidades, subjetivação, parrésia.

Introdução

“Muro Pequeno” e “Guardei no Armário” são dois canais no YouTube criados e administrados por homens gays negros (ou bichas pretas), respectivamente Murilo Araújo e Samuel Gomes. Neste trabalho analisamos esses canais, em atividade desde 2015, pensando neles como uma forma de escrita audiovisual pela qual os autores se apropriam da plataforma YouTube para elaborar e compartilhar narrativas de resistência às violências e opressões que incidem sobre eles por conta de seu lugar de fala (RIBEIRO, 2017).

Utilizando como orientação teórico-metodológica o conceito de escrita de si desenvolvido por Margareth Rago (2013), buscamos um olhar para o YouTube que difere da abordagem recorrente sobre a celebração ou mera publicização da vida privada, tampouco é este o foco dos canais analisados. De outro modo, compreendemos a escrita audiovisual de Murilo e Samuel como atravessada por um compromisso de parrésia (RAGO, 2013) – falar apesar dos riscos em fazê-lo –, bem como ampliamos a ideia de escrita de si a partir do pensamento de Grada Kilomba (2019), para quem a escrita é um ato de resistência daqueles que não podem falar, sujeitos subalternizados (SPIVAK, 2014). Assim, assumimos a escrita dos dois youtubers como sendo tanto individual quanto, em alguma medida, coletiva, uma “escrita da gente”.

Recorremos a perspectivas interseccionais a partir de Lélia Gonzalez (1984) e Sueli Carneiro (2011) para compreender melhor o lugar social, ou os lugares de fala (RIBEIRO, 2017), a partir do qual Murilo e Samuel enunciam. Ambos são homens gays negros e que identificam a si próprios como bichas pretas. Desse modo, suas existências estão atravessadas por uma série de opressões indissociáveis, como os efeitos do racismo e da homotransfobia. É fundamental para este trabalho a reflexão sobre esses fluxos de opressão e silenciamento múltiplos a partir de um referencial teórico de pesquisadores/as racializados/as e/ou LGBT, sendo a construção desse referencial ela própria atravessada (e dificultada) pelos fluxos que definem quem pode e quem não pode falar (RIBEIRO, 2017; SPIVAK, 2014).

Quem pode falar? Quem produz conhecimento tido como “norma”? Homens brancos cisgêneros e heterossexuais. Segundo Grada Kilomba (2019, p. 75-76) o racismo (assim como o colonialismo)

está definido pela construção da branquitude como norma, marcando pessoas não brancas como diferentes, como o Outro/a, estabelecendo uma hierarquia baseada em estigmas que coloca o branco como superior. Além disso, essa construção vem acompanhada pelo poder – histórico, econômico, social e político –, configurando a supremacia branca, algo que já era apontado décadas atrás por Lélia Gonzalez. A partir de reflexões de Fanon, Gonzalez explica que “a desalienação do negro está diretamente vinculada à tomada de consciência das relações socioeconômicas” (1991, p. 5).

O lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo. Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular. (GONZALEZ, 1984, p. 224).

Como aponta a abordagem interseccional, as diferentes opressões que atravessam os lugares de fala (RIBEIRO, 2017) de Murilo e Samuel são indissociáveis e se afetam mutuamente. A supremacia branca é também masculina e cis-heteronormativa. Precisamos deixar claro que o lugar de poder reservado aos homens cisgêneros brancos heterossexuais não é acessível (ao menos não integralmente) aos homens negros, aos gays, aos gays negros ou às bichas pretas. Fanon (2008, p. 26) diz: “o negro não é um homem”, isso porque o modelo de masculinidade hegemônica baseado na dominação e na virilidade (BOURDIEU, 2012; GROSSI, 2004) toma como referência o homem branco. Homens negros encontram-se aprisionados em estereótipos racistas de animalização, infantilização e sexualização (GONZALEZ, 1984). Em um trabalho anterior, refletimos, a partir de Túlio Custódio (2017):

Enquanto a virilidade de um homem branco pode ser sustentada por outras vias – sucesso financeiro, agressividade nos negócios – do homem negro apenas se espera a violência, que sejam “durões” e dotados – inclusive de órgãos sexuais avantajados – apenas de “qualidades” (hetero)sexuais. O “poder” de ter um pênis, para o homem negro, é ilusório e, na verdade, objetifica esse homem. Apenas o pênis é validado, não o homem negro [...] (PEREIRA; COÊLHO, 2020, p. 137).

Carlos Henrique Lucas Lima (2017, p. 170) explica que o padrão de corpo-subjetividade desejado “para a nação brasileira” é fundado na branquitude e na heterossexualidade viril (masculina). Mesmo dentro da “comunidade gay”, vemos a reprodução desse padrão corpo-subjetividade a ser valorizado e desejado e a consequente exclusão dos homens gays negros, dos gays “afeminados”, das bichas pretas. Forma-se então uma “dupla asfixia” (CARNEIRO, 2011) sobre as bichas pretas que guarda semelhanças com o que ocorre com as mulheres negras diante do heteropatriarcado branco. A bicha preta se encontra, então, segundo Alan Costa (2017), entre o objeto e o abjeto.

Objeto, caso se aproxime do ideal de homem negro fetichizado, ativo, de pênis avantajado e virilidade imponente. Já o lugar do abjeto é destinado a todas aquelas bichas pretas que se distanciarem da expectativa de virilidade extrema posta sobre homens negros. Quanto mais os gays negros se distanciam da expectativa de masculinidade imposta sobre eles, mais se aproximam do lugar de abjeto: “se não for viril, se não for dotado, se for afeminado, se não for ativo, se for gordo, quanto mais distante do padrão de beleza” (COSTA, 2017). Desse modo compreendemos que o lugar das bichas pretas se aproxima daquele definido por Grada Kilomba (2019) como “outro do outro”, tendo seu direito à existência e à voz absolutamente negado, mesmo dentre outras pessoas subalternizadas que lhes são próximas. (PEREIRA; COELHO, 2020, p. 138).

Embora o direito à voz seja negado às bichas pretas, as experiências de Murilo e Samuel em seus canais deixa claro que há esforços desses sujeitos em desafiar essas lógicas – como não poderia deixar de ser. Os caminhos metodológicos para nossa análise se baseiam no processo de resistência e subjetivação por meio da escrita.

Metodologia

A escrita de si, como proposta por Margareth Rago (2013), consiste em uma elaboração sobre si na qual o sujeito se abre ao devir, à possibilidade de ser outro do que se é. A autora parte da abordagem de Foucault sobre as práticas de liberdade e das artes do cuidado de si, assim, a escrita de si não se trata de uma simples autobiografia,

tampouco de um viés confessional. Na escrita de si, há uma abertura ao outro (que lê) e à reelaboração da subjetividade, sem a imposição de hierarquias ou poder de sujeição no processo.

Trata-se, antes, de um trabalho de construção subjetiva na experiência da escrita, em que se abre a possibilidade do devir, de ser outro do que se é, escapando às formas biopolíticas de produção do indivíduo. Assim, o eu de que se trata não é uma entidade isolada, mas um campo aberto de forças; entre o eu e o seu contexto não há propriamente diferença, mas continuidade, já que o “indivíduo se autoconforma a partir da relação com os outros, em uma experiência voltada para fora”, como observa Orellana (2008, p. 480). Nessa perspectiva, as tecnologias de si que objetivam o sujeito são problematizadas como formas de sujeição, ao vincular o indivíduo estreitamente à sua identidade, enquanto nas técnicas de si aqui trabalhadas há um movimento ativo de autoconstituição da subjetividade, a partir de práticas da liberdade (RAGO, 2013, p. 52).

Nesse processo de (re)elaboração, o sujeito assume um compromisso de parrésia (RAGO, 2013), sendo necessário assumir uma relação com a verdade na qual se elabora, se enuncia, ainda que isso implique riscos – por vezes ameaças à própria vida. O YouTube é um espaço no qual, assim como na sociedade em geral, circulam diversos discursos de ódio e fluxos de silenciamento e opressão de sujeitos subalternizados (SPIVAK, 2014) como Murilo e Samuel. Ao escolherem se apropriar dessa plataforma, ambos se abrem aos riscos, no entanto, essa ameaça a suas existências, a negação de seu direito à voz, existiria ainda que eles não “se expusessem”, pelo simples fato de serem quem são, de seu lugar social/de fala (RIBEIRO, 2017) como bichas pretas no Brasil.

Compreendemos, então, a escrita de si e o compromisso de parrésia (RAGO, 2013) de Murilo e Samuel como processos de subjetivação e de resistência aos fluxos de opressão que incidem sobre eles. Em diálogo com Grada Kilomba (2019), passamos a compreender a escrita como tendo potencial de descolonização, de tornar-se autor da própria história e falar por si, em uma “passagem de *objeto* a *sujeito*” (grifos da

autora durante as menções destas palavras na obra)¹. Kilomba (2019) compreende o colonialismo como silenciamento, um processo que gera um trauma profundo em todos os sujeitos que a ordem colonial estabelece como Outro/a e mais ainda sobre aqueles/as que se encontram em um (não) lugar de Outro/a do Outro/a. A descolonização é a reparação desse trauma, um processo que não se dá apenas de forma individual, mas que possui dimensão coletiva.

Por seu lugar de fala, e consciência sobre ele, o sujeito em lugar de opressão não apenas elabora sobre si, mas também sobre os outros que compartilham desse lugar de fala. A “elaboração de si” não deixa de ser uma “elaboração do grupo”, a “escrita de si” é também uma “escrita da gente”. Ainda assim, não podemos considerar Muro Pequeno ou Guardei no Armário como representações de todos os gays negros brasileiros. Fazer isso seria reforçar uma imposição racista/homofóbica sobre ambos. Nossa abordagem compreende a coletividade que se apresenta juntamente com a individualidade: falar e ser escutado, reverberar reivindicações e visibilizar opressões nas redes, é desestabilizar silenciamentos destinados a essa coletividade. (PEREIRA; COELHO, 2020, p. 133-134).

Falar, ter voz, implica ser ouvido e reconhecido enquanto interlocutor, reconhecendo também o outro como interlocutor e, portanto, sujeito, em vez de objeto. Murilo e Samuel buscam resistir não apenas por si, mas também por outros que ocupam lugares de fala semelhantes aos seus. Mais ainda, buscam falar principalmente com esses sujeitos. Essa “escrita da gente” compreende a possibilidade de subjetividades que são também coletivas e abrem a possibilidade para que outros possam se tornar sujeitos (hooks, 1989 apud. KILOMBA, 2019).

Buscamos, então, nos abrir à escuta dessa “escrita audiovisual da gente”, falar com Murilo e Samuel em seus canais, em sua (re)elaboração sobre as marcas da violência, do trauma colonial, da supremacia branca cis-heterossexual masculina, bem como da possibilidade de luta e resistência, ao mesmo tempo individuais e coletivas, a essas

1 Escolhemos manter esses destaques em itálico em respeito à escolha da autora por essa forma de grafar os termos explícita em sua carta à edição brasileira do livro (KILOMBA, 2019, p. 11-21).

lógicas de opressão. Nas palavras de Lélia Gonzalez (1984, p. 225): “o lixo vai falar, e numa boa”.

Resultados e discussão

Em atividade desde 2015, o Muro Pequeno e o Guardai no Armário dificilmente – ou de forma alguma – poderiam ser analisados em sua totalidade para qualquer pesquisa. Desse modo, guiados pela ideia da “escrita da gente”, optamos por analisar trechos dos relatos em vídeo de Murilo e Samuel contidos em *playlists* organizadas pelos próprios autores, disponíveis nos canais². Essas *playlists* foram selecionadas a partir das descrições encontradas na sessão “Sobre” de cada canal. Para o Guardai no Armário foram considerados os vídeos contidos na *playlist* “Chá com S”, que reunia praticamente todos os vídeos focados na fala de Samuel à ocasião. Para o Muro Pequeno, com mais vídeos focados na fala de Murilo, consideramos o conteúdo de quatro *playlists*³, dando preferência aos vídeos contidos em mais de uma dessas. Passamos, então, ao diálogo com os relatos dos *youtubers*:

Morar na periferia não quer dizer que você convive todos os dias com a violência, mas, de fato, você naturaliza um monte de violências [...]

Do tipo, no ano novo, você ir para cima da laje para você ver os fogos e, depois de um tempo, seus familiares mais velhos falarem “olha, não fica muito tempo em cima da laje, porque você não sabe o que que é tiro e o que é fogos”. [...]

Para dizer que a violência não tava só no ver, a violência também chegou próximo de mim quando eu perdi um amigo que foi alvejado por tiros de alguns meliantes que até hoje eu não sei quem foi e provavelmente a família também não sabe, e isso me afetou muito. Então, você imagina você crescer dentro dessa realidade, né? (SAMUEL, 5 abr. 2019).⁴

2 Considerando os canais como estavam organizados até fevereiro de 2020, período de realização destas análises.

3 1) “Viadagens, diversidade, LGBTfobia e militância”; 2) “AFROntamentos e recortes raciais”; 3) “Tretas, debates e problematizações” e 4) “Sexo, amores e relacionamentos”.

4 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yphfPWWSoCc>.

Quando Samuel fala sobre a violência e, em especial, sobre a perda de um amigo em função da “violência urbana” – que, na estrutura racista, afeta mais as pessoas negras –, ele narra um choque violento (KILOMBA, 2019), marcado como um dos elementos fundamentais que compõem o trauma colonial. Ao narrar sua convivência com a violência e morte de seu amigo, Samuel não tem, portanto, objetivo autobiográfico. Ele narra esses fatos como uma forma de enfrentamento (RAGO, 2013) daquilo que silencia tanto ele quanto outros. Também em sua narrativa percebemos a exposição de si, de suas fragilidades e uma elaboração constante sobre elas. Expor suas vulnerabilidades, sendo um homem negro de pele escura, quebra a expectativa de masculinidade (racializada) colocada sobre Samuel (CUSTÓDIO, 2017; GONZALES, 1984), baseada no aprisionamento do homem negro a seu corpo físico, sem espaço para fragilidade ou emoção. Dizer publicamente “isso me afetou muito”, em si, já se configura em uma forma de elaboração de si que se opõe a um modelo imposto.

[...] depois que eu me descobri gay, que eu comecei a tentar construir as minhas relações e que eu sentia a experiência de exclusão mesmo dentro da comunidade gay [...] a gente começa a descobrir que não era assim tão bonito e que, na vivência, no cotidiano, que eu ainda experimentava um monte de outras exclusões, que eu ainda experimentava um monte de outras dificuldades que tinham uma origem que eu não conhecia ainda. Eu fui entender que origem era essa muito depois, que foi quando eu descobri que era uma pessoa negra e que as coisas que eu vivia, o preterimento, a solidão, a exclusão de alguns espaços, o silenciamento da minha voz algumas vezes... eu entendi que eu não passava por isso sozinho e aí foi que eu entendi: “ah, é por isso, porque eu sou negro, vem daí essas outras coisas” e como essas coisas tavam profundamente entranhadas em mim a ponto de eu achar que o fato dos outros garotos não me desejarem era porque eu realmente era esquisito, era porque eu realmente não era digno de afeto, de desejo, porque eu não era bonito o suficiente, porque eu não era bom o suficiente, porque eu não era

interessante o suficiente. Essas coisas todas me marcaram muito. (MURILO, 20 nov. 2017).⁵

No relato, Murilo também conta que seu processo de tomada de consciência de ser uma pessoa negra se deu quando já estava no YouTube, com o Muro Pequeno e que o canal colaborou com o processo. O que queremos chamar atenção, no trecho acima, é que o relato de Murilo ilustra comportamentos racistas dentro da chamada “Comunidade LGBT” e nos movimentos sociais associados a ela. Aqui percebemos um recorte do racismo que afeta as bichas pretas e as coloca, de forma semelhante – mas não idêntica ou equivalente – à mulher negra como o outro do outro (KILOMBA, 2019; RIBEIRO, 2017), excluído entre os excluídos, silenciado entre os silenciados.

Murilo diz: “eu entendi que eu não passava por isso sozinho”. “Piadas” racistas e silenciamento são violências enfrentadas diariamente por pessoas negras, sejam LGBTs ou não. Os relatos demonstram que foi importante dar nome a essas violências, identificá-las como racismo, para que Murilo pudesse enfrentá-las e compreender que a culpa não era sua. Nesse sentido, a avaliação desses episódios por Murilo se constitui em uma prática de liberdade (RAGO, 2013), desnaturalizando a violência, identificando sua origem em um sistema opressor, em relações de poder. Fazer isso publicamente tem potencial libertador para outras pessoas negras, e que talvez sequer se saibam negras, compreendam que também não passam por isso sozinhas e que a culpa não está nelas.

Precisa ver o escândalo que as pessoas fazem quando eu digo pra elas que eu não troco *nude*⁶, por exemplo, nem em aplicativo de pegação. Isso quando eu uso aplicativo de pegação. “Nossa, mas ele é muito puritano, ele não usa aplicativo. Nossa, mas ele é muito santinho, ele não manda nude.” Mas aí as pessoas não fazem ideia do quanto fica chato você se sentir transformado em fetiche absolutamente todas as vezes que você troca uma nudezinha⁷ com a pessoa. Chega uma hora que cansa. Chega uma hora que fica nocivo. Chega uma hora que você começa a sentir mal com o seu corpo por causa disso. Então não é

5 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OD1hK6PiDZQ&t=318s>.

6 Fotos nas quais a pessoa aparece completamente sem roupa, nua.

7 Diminutivo de *nude*

uma questão de ser puritano, é uma questão de cuidar de mim. Essas coisas não tavam sendo legais e eu resolvi colocar um freio nelas. Acho mais do que justo (MURILO, 3 jun. 2016).⁸

A fetichização também é uma forma de objetificação que pessoas negras experimentam com uma grande frequência. Vale marcar aqui, mais especificamente, a objetificação dos homens gays negros/bichas pretas dentro da “comunidade gay”, colocados/as entre o objeto e o abjeto (COSTA, 2017).

Esse comportamento objetificador e sexualmente predatório que muitos homens gays – e héteros – praticam, passa pela construção da masculinidade predatória e violenta (BOURDIEU, 2012; GROSSI, 2004), entendida como tóxica (CUSTÓDIO, 2017). Murilo também traz em seu canal o relato de um abuso sexual sofrido por ele em um vídeo com o título “SOBRE CULTURA DO ESTUPRO (E O QUE GAYS TEM A VER COM ISSO)”. No vídeo, Murilo conta sobre uma postagem de um amigo no Facebook utilizando a #meuamigosecreto⁹, voltada para pessoas LGBT. Incluímos aqui um alerta de gatilho de violência sexual quanto ao relato reproduzido abaixo.

O meu amigo segurou os meus braços e me prendeu, pra impedir que eu me movesse, e sentou no meu pau, sem camisinha, contra a minha vontade, por mais que eu pedisse pra ele não fazer aquilo [...]

E aquilo foi extremamente desagradável e por muito tempo eu me senti culpado por estar sendo irresponsável com a minha própria transa e, quando eu dividi com alguns amigos essa história, eu omiti que eu tinha sido agredido no processo, porque eu tinha certeza que muita gente ia dizer o que vocês provavelmente estão pensando agora: “Ai, você deixou porque você gostava, você também queria, você também deve ter curtido.” E isso é extremamente desagradável e, um alerta: isso é reprodução da cultura do estupro.

8 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7CNINQJoleU&t=83s>.

9 Hashtag criada no final de 2015, fruto de uma construção coletiva e espontânea nas redes sociais, em que milhares de mulheres denunciaram situações violentas e abusivas praticadas por pessoas próximas, alguém que poderia ser sorteado em uma dinâmica de amigo secreto. A circulação da hashtag, transformada em campanha, levou a um aumento significativo de denúncias à Secretaria de Políticas para Mulheres (LARA et al., 2016) e abriu espaço também para que pessoas LGBT trouxessem relatos.

Ninguém gosta disso. Ninguém pede pra passar por isso. Isso não é agradável pra ninguém.

Enfim, essas coisas todas são horríveis, esses relatos [lidos anteriormente no vídeo] são muito graves e eu acho que essas coisas todas falam por si. Eu não preciso ficar fazendo muitas discussões aqui pra gente entender o quanto é importante que a gente comece a falar sobre esse assunto, o quanto é importante que a gente quebre o silêncio sobre esse tipo de violência. (MURILO, 1 dez. 2015, grifo nosso).¹⁰

Quebrar o silêncio demonstra novamente um enfrentamento e uma exposição ao outro. Murilo diz, ele mesmo, que “muita gente ia dizer o que vocês provavelmente estão pensando agora” (2015). Ele sabe a que tipo de julgamento está se expondo e quais novas violências pode enfrentar por expor isso publicamente, assim sendo, seu relato se configura em uma forma de “parresía” (RAGO, 2013). Ao mesmo tempo, Murilo se aproveita de sua visibilidade para falar de um assunto grave e frequentemente silenciado: a cultura do estupro como parte da construção da masculinidade tóxica, além do reflexo disso na “comunidade gay”.

O enfrentamento e a resistência a uma construção de masculinidade extremamente restrita também se vinculam à aparência e às possibilidades de existir, como mostram relatos de Samuel.

Você tem que ser igual às outras pessoas, você tem que se moldar ao que eles querem. As mulheres precisavam ter cabelos crescidos, os homens cabelos curtos... os homens não podiam usar barba, no máximo um bigode. [...] Quem já foi na minha palestra sabe como é que eu era, eu não escondo as fotos de como eu era, e eu não tinha referencial [fora da igreja] (SAMUEL, 22 mar. 2019, grifo nosso).¹¹

O fato de Samuel relatar essas imposições estéticas que vivia na igreja se apresentando em vídeo com os cabelos longos trançados em dreads e usando barba marca um rompimento com essas imposições com as quais conviveu desde o início da vida, e que teriam

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CQJ6hTFVK54&t=33s>.

¹¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7UVO9aaggl3I&t=7s>.

sido repreendidas – inclusive publicamente – na igreja. No caso de Samuel, sua escolha estética por cabelos longos e barba crescida não necessariamente o expõe à violência homofóbica, mas marca uma reconstrução de sua subjetividade (RAGO, 2013), distanciando-se das regras da igreja e fazendo escolhas próprias, tornando-se sujeito (KILOMBA, 2019). Além do uso de acessórios hegemonicamente considerados “inapropriados”, o próprio corpo torna-se um instrumento de resistência e de luta.

Nos padrões impostos pela sociedade, o cabelo mantido curto é, ao mesmo tempo, uma forma de “disfarçar”, de domar, características próprias do corpo negro, como um reforço de padrões de gênero. São aspectos emblemáticos de forças que tentam apagar as características do corpo negro, do corpo gay, que tentam delimitar e normatizar como os corpos devem se portar e se apresentar. Ao se rebelar, o corpo abre oportunidades para o risco da violência, mas também para experiências de vida mais livres, ou menos restritas. Essa reconstrução de si também aparece compartilhadas com outros ao mostrar publicamente suas fotos do passado, ainda seguindo os padrões estéticos da igreja.

Eu posso dizer que havia em mim uma repetição de padrões. Imagina você viver durante 23 anos na sua vida indo pra uma igreja e aí você sai, sem ter um amparo nenhum porque o único amparo que eles falam é: “você pode ser gay, desde que você não transe, desde que você vire um ‘eunuco’, ou que você não conte pra ninguém, ou que você não case, ou que ninguém fique sabendo, ou que você case [com alguém do gênero oposto] e tenha uma vida dupla sem que ninguém saiba”... E nada dessa opções que eles me ofereciam era o que me faria ficar feliz. (SAMUEL, 3 mai. 2019).¹²

Da mesma forma que em relação à sua aparência e escolhas estéticas, Samuel relata a repetição de padrões impostos a ele por sua vida na igreja, porém, ao contrário da aparência, ele deixa claro que as “opções disponíveis” para existir enquanto homem gay dentro da

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Co3M6-WqeEY>.

igreja inviabilizariam sua felicidade. Viver “uma vida dupla”, não dizer a verdade, é relatado por

Samuel como algo que lhe impediria de ser feliz, de viver plenamente. Samuel demonstra um compromisso consigo mesmo, com uma verdade própria e com não esconder essa verdade. Ainda que consciente dos riscos de sua exposição – ser um homem gay e viver sua sexualidade/afetividade abertamente – ele também deixa claro que, de outro modo, não viveria feliz. O rompimento com os padrões que o oprimiam é demarcado por Samuel não apenas como resistência, mas também como cuidado de si (RAGO, 2013), possibilitando “ficar feliz”, uma existência mais plena, ainda que sob risco.

Considerações finais

Os relatos de Murilo e Samuel descrevem a vivência das bichas pretas entre o objeto e o abjeto (COSTA, 2017). Eles se vêem inseridos em uma cultura que tem por objetivo fazê-los se odiar e, mais ainda, relatam ter de fato se odiado por muito tempo. Identificar que não se tem relação com aquilo dito como bonito, que é desejável, que é digno de afeto – ou seja, a norma – compõe a experiência de estar no lugar de outro do outro (KILOMBA, 2019). A negação de uma vida afetiva também opera como uma forma de violência e silenciamento, seja pela imposição religiosa ou pela imposição de padrões de beleza restritos que não valorizam a diversidade de corpos.

Nesse sentido, é importante problematizar as pressões sofridas no âmbito da aparência. O que é bonito, merecedor de amor e afeto, não é o corpo (abertamente) gay, não é o corpo negro que se recusa a disfarçar seus traços, seu cabelo. O desejável é construído a partir da branquitude e da heterossexualidade viril (LUCAS LIMA, 2017). O rompimento com esses padrões – estéticos e de vida – representa o enfretamento de uma série de pressões que ditam quais corpos têm o direito à existência plena e quais devem se esconder ou se forçar à tentativa (frustrada) de atender a esses padrões que não os contemplam.

O silenciamento dos sujeitos com os quais dialogamos vai além da ameaça direta à sobrevivência e da violência física – que são frequentes –, passando pela negação do direito a uma vida plena, que inclua amor, afeto e do “sentir-se digno”. A escrita de si (RAGO, 2013) implica a denúncia desses fluxos de silenciamento, mas também deve

passar pelo cuidado de si. A ideia da escrita como ato de resistência, de rompimento com forças que definem quem tem direito à autonomia (KILOMBA, 2019), quem é efetivamente considerado sujeito, não para na necessidade de luta, mas também se articula à necessidade do bem viver, falando de uma felicidade possível.

Violência e resistência se encontram e se ressignificam no reconhecimento das vulnerabilidades. Falar das opressões é parte de um processo de reconhecimento do lugar ocupado no mundo e em uma sociedade desigual e excludente. Mais que isso, faz parte da visibilização dessas injustiças e de um processo de subjetivação política que não cabe nelas; é maior, potente e transformador para si e para toda uma comunidade.

A resistência presente na “escrita da gente” de Murilo e Samuel configura um sinal de esperança vindo da recusa do aprisionamento imposto entre o objeto e o abjeto, possibilitando novos modos de (re) existência para os corpos bichas – especialmente os racializados – e de vivência da masculinidade. Tornar-se sujeito, “descolonizar o eu” (KILOMBA, 2019), é, por fim, um processo tanto de si quanto da gente.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. Selo Negro, 2011.

COSTA, Alan. Bichas pretas: entre o objeto, o abjeto – poucas vezes afeto. In: **CEERT: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades**. [S. l.], 01 ago. 2017. Disponível em: <https://ceert.org.br/noticias/genero-mulher/18475/bichas-pretas-entre-o-objeto-o-abjeto-poucas-vezes-afeto>. Acesso em: 09 out. 2020.

CUSTÓDIO, Tulio. Opinião: Ser homem e negro é um rascunho inconcluso e constante. In: **HuffPost Brasil**. [S. l.], 27 jan. 2017. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/tulio-custodio/ser-homem-e-negro-e-um-rascunho-inconcluso-e-constante_b_9829946.html?guccounter=1. Acesso em: 09 out. 2020.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: SciELO-EDUFBA, 2008.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje – Anuário de Antropologia, Política e Sociologia**. 1984.

GONZALEZ, Lélia. Viagem à Martinica. **Jornal do MNU**, São Paulo, n. 20, set/out. 1991, p.5.

GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: uma revisão teórica. **Antropologia em Primeira Mão**, 75, 1-37, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1265/masculinidades.pdf?sequence=1>. Acesso em: 1º mar. 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LARA, Bruna de. et al. **#MEUAMIGOSECRETO**: Feminismo além das redes / [Não me Kahlo]. 1ª ed. Rio de Janeiro, Edições de Janeiro, 2016.

LUCAS LIMA, Carlos Henrique. **Linguagens Pajubeyras**: Re(ex)istência cultural e subversão da heteronormatividade. Salvador. Editora Devires, 2017.

PEREIRA, Pedro Augusto; COÊLHO, Tamires Ferreira. Escrita coletiva, subjetivação e esperança em narrativas bichas no YouTube. **Revista Linguagem em (Re)vista**, vol. 15, n.30 ago./dez. Niterói, 2020.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.